



ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS



*A MAÇONARIA
E A EDUCAÇÃO
NO BRASIL*

Márson Alquati

A MAÇONARIA E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

© 2019 by Márson Alquati.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Autorizo a reprodução e divulgação total e/ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

G002c20

Alquati, Márson, 1972 –

A Maçonaria e a Educação no Brasil. Márson Alquati – 2019. – Nova Roma do Sul, RS – Entre Colunas: Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas: História da Maçonaria/A Maçônica História do Brasil.

17 páginas.

1. Maçonaria. 2. História do Brasil. 3. Sociedades Secretas. 4. Educação.

G002c20

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Como citar este documento:

ALQUATI, Márson. *A Maçonaria e a Educação no Brasil*. In: História da Maçonaria: A Maçônica História do Brasil. Nova Roma do Sul, RS: Entre Colunas Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas, 2019. Disponível em: <https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>. Acessado em: __/__/__.

Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

SUMÁRIO

I – A MAÇONARIA E A EDUCAÇÃO NO BRASIL	04
II – OS NÚMEROS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL DO SÉCULO XIX	05
III – INICIATIVAS DA MAÇONARIA EM PROL DA EDUCAÇÃO	07
IV – A MAÇONARIA PAULISTA E A EDUCAÇÃO	09
V – A MAÇONARIA GAÚCHA E A EDUCAÇÃO	11
VI – O IHGB E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS	13
VII – BIBLIOGRAFIA	16



ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS

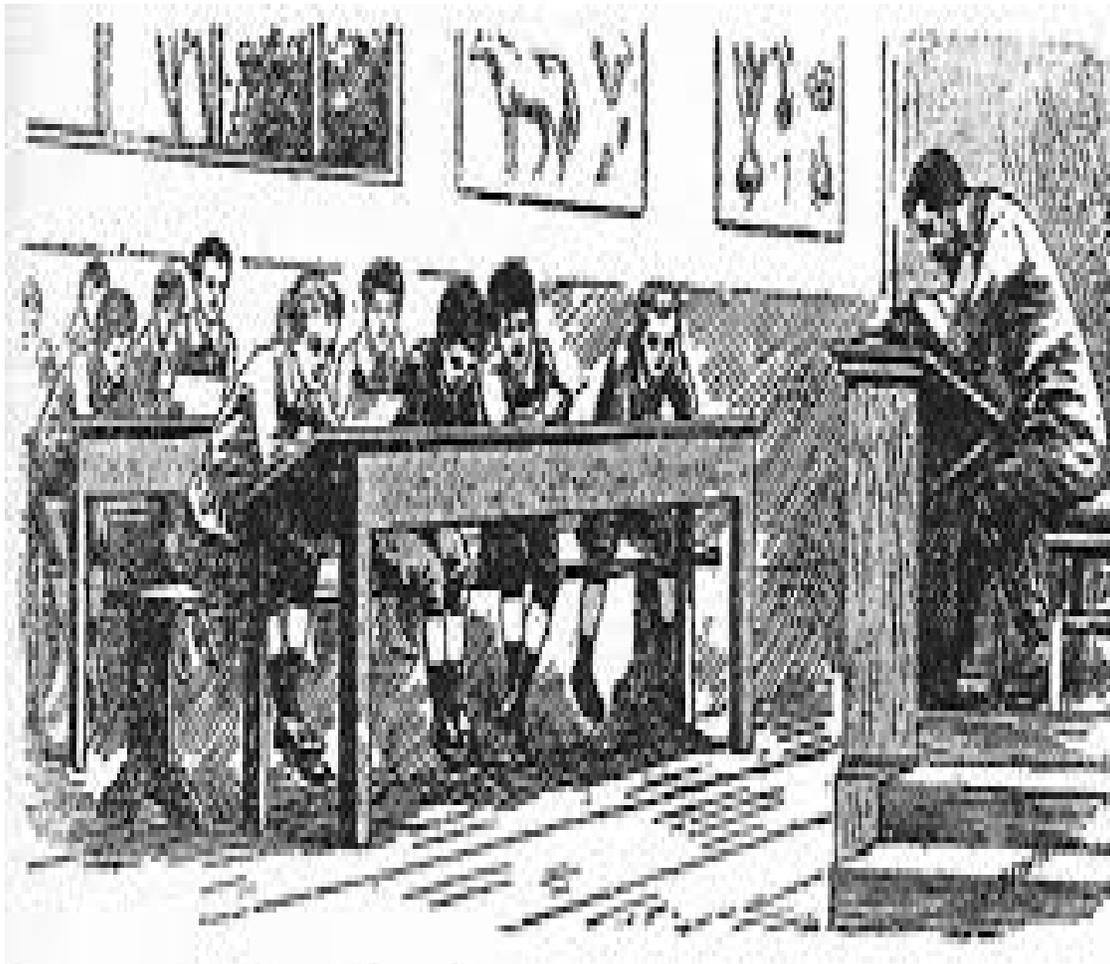


A MAÇONARIA E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

O homem não é nada além daquilo que a Educação faz dele.

[Immanuel Kant].

OS NÚMEROS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL DO SÉCULO XIX



Até 1808, antes da vinda da Família Real portuguesa, o Brasil era uma colônia isolada, praticamente analfabeta e controlada com imenso rigor. A proibição de manufaturas incluía a indústria gráfica e a publicação de jornais. A circulação de livros e revistas estava submetida a três diferentes instâncias de censura. O direito de reunião era vigiado. E a Educação limitava-se aos níveis mais básicos, disponível apenas para uma minoria muito restrita da população. De cada cem brasileiros menos de dez sabiam ler e escrever¹.

¹ GOMES (2010, p.50).

A MAÇONARIA E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Para se ter uma ideia da precariedade da educação no Brasil colonial, no primeiro censo populacional realizado em São Paulo, já no governo de D. João VI, em 1818, somente 2,5 % dos homens adultos, brancos e livres, da cidade sabiam ler e escrever. Se considerados os escravos, negros forros, mulatos, índios, mulheres e crianças, a taxa de analfabetismo chegava a 99 %.

A *“luz sobre as trevas”*, expressão que surge frequentemente nas publicações maçônicas, dirigia-se à falta de pensamento próprio resultante da educação católica, que predominava no século XIX e voltava-se somente para a elite.

Essa educação mantinha uma determinada estagnação social.

A visão – e proposta – maçônica era de fornecer subsídios para que o povo pudesse prosperar. Com o crescimento pessoal, ocorreria o crescimento de toda a nação no campo financeiro, social e intelectual. A igualdade era o ideal a ser alcançado².

Segundo o escritor José Murilo de Carvalho³:

“A elite era uma ilha de letrados num mar de analfabetos”.

Em um discurso nas Cortes de Lisboa, proferido em 02 de setembro de 1822, o maçom e deputado piauiense Domingos da Conceição criticava o estado de ignorância em que viviam os seus conterrâneos da Província do Piauí. Nas suas palavras⁴:

“São 70.000 cegos que desejam a luz da instrução pública”.

Meio século mais tarde, em 1872, durante o primeiro censo do Brasil Imperial, constatou-se que de um total de dez milhões de habitantes, havia apenas 150.000 alunos na escola primária⁵.

² SILVA (2016, p.333).

³ CARVALHO (2006, p.65).

⁴ GOMES (2010, p.50).

⁵ GOMES (2010, p.53).

Em 1889, no ano da Proclamação da República, o Brasil tinha cerca de 14 milhões de habitantes, dos quais, apenas quinze por cento sabia ler e escrever o próprio nome.

Os demais nunca tinham frequentado uma sala de aula. Entre os escravos e os negros recém libertos, os índices de analfabetismo eram ainda maiores, ultrapassando os 99 %. Somente uma a cada seis crianças com idade entre 06 e 15 anos frequentava a escola.

Em todo o país havia 7.500 escolas primárias com 300 mil alunos matriculados⁶. Nos estabelecimentos secundários, o número caía de forma dramática: apenas doze mil estudantes. E somente oito mil pessoas tinham educação superior – uma para cada grupo de 1.750 habitantes⁷.

INICIATIVAS DA MAÇONARIA EM PROL DA EDUCAÇÃO

A educação e a cultura através dos livros são as maiores armas para a libertação de um povo, pois nelas residem as ideias e os ideais dos maiores homens da história.

Diante da condenação aos ideais maçônicos pela Igreja, sob o argumento de que iam contra os ideais cristãos, os maçons replicavam com a valorização das virtudes do homem, encontradas nos próprios maçons. Essas ideias foram difundidas entre a população por meio da filantropia e da criação de escolas administradas pela Maçonaria⁸.

⁶ FREYRE (1974, p.165).

⁷ CASTRO (1995, p.27).

⁸ SILVA (2016, p.333).

A MAÇONARIA E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Nesse contexto, a Maçonaria, em vista da impossibilidade de recursos financeiros para uma educação nacional de qualidade, não deixou de atuar dentro dos recursos de algumas Lojas ao nível regional.

Diversas iniciativas concretas foram efetivadas pela Maçonaria em relação à educação, destinadas a todos os homens, fossem maçons ou profanos, livres ou não⁹.

A Maçonaria atuou na construção de uma ampla rede de escolas “*libertadoras da consciência dos homens*”. A Instituição maçônica se considerava portadora de uma missão institucional, tanto através da conquista das liberdades quanto por intermédio da universalização do ensino e da divulgação das ciências¹⁰.

Em 04 de abril de 1870, o projeto de abolição do maçom Rui Barbosa¹¹ apresentado à Loja “América” e à apreciação do “Grande Oriente dos Beneditinos”, em seu art. 3º, determinava que:

“Ficam também obrigadas todas as oficinas brasileiras a empregar todos os esforços possíveis, dentro da esfera de seus recursos pecuniários, a fim de divulgar ativamente a educação popular, criando nos seus competentes vales, escolas gratuitas de ensino primário, já noturnas ou domingueiras para adultos de todas as classes, já diurnas e diárias para crianças de um e outro sexo”.

A partir de 1870, o apoio à educação pela Maçonaria se consolidou.

Em 1872, no Rio de Janeiro, foi fundada uma Loja com título distintivo de “Vésper”, com a finalidade principal de dar instrução às classes menos abastadas¹².

⁹ PONTES (2010, p.68).

¹⁰ GONÇALVES (2012, p.100).

¹¹ Extraído do “Projeto de Abolição” apresentado por Rui Barbosa à Loja “América” em 04 de abril de 1870 – Manuscrito pertencente à “Casa Rui Barbosa”, museu cultural situado no Rio de Janeiro.

¹² SILVA (2016, p.333).

A MAÇONARIA E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

De todas essas iniciativas, a que apresentou melhores resultados foi a construção de uma ampla rede de escolas primárias e de bibliotecas, com aulas diurnas e noturnas, para os filhos dos maçons e para as classes populares, disseminando os princípios democráticos e a defesa da liberdade, principalmente a liberdade de consciência¹³.

Assim, a construção de escolas e a oferta de aulas noturnas gratuitas para as camadas do povo tinham como objetivo secundário, identificar as Lojas como libertadoras da consciência do homem¹⁴.

Um notável exemplo ocorreu em 1882, quando o maçom Manoel José da Fonseca, proprietário da fábrica Nossa Senhora da Ponte, inaugurada em 02 de setembro de 1882 e membro da Loja Maçônica “Perseverança III”, criou uma escola noturna para os seus operários, entregando-a aos cuidados do professor Horácio Ovídio de Oliveira¹⁵.

Em 1922, para se ter uma ideia, a Maçonaria brasileira mantinha 132 escolas em 16 estados, com 7.030 alunos matriculados. Desse total, 59 escolas, com 4.626 alunos eram mantidas pelos “*homens do esquadro e do compasso*” apenas em São Paulo¹⁶.

A MAÇONARIA PAULISTA E A EDUCAÇÃO

A Educação para a Maçonaria paulista ocupava um lugar central na mudança política que se pretendia articular.

Para os maçons era preciso formar cidadãos esclarecidos, levar a Luz do conhecimento para a população analfabeta, e assim combater o obscurantismo,

¹³ BARATA (1999, p.138).

¹⁴ SILVA (2016, p.333).

¹⁵ SILVA (2007, p.95).

¹⁶ BARATA (1999, p.138).

a ignorância, que eram representadas pela situação política do Império, com a excessiva centralização defendida pela Igreja Católica.

O caminho para alcançar a liberdade e o progresso era difundir a educação; e isso era parte do projeto das Lojas Maçônicas paulistas. A grande campanha pela instrução do povo foi deflagrada na Província de São Paulo pela Maçonaria republicana e, posteriormente, pelos clubes republicanos¹⁷.

As Lojas Maçônicas foram as primeiras a criar, na província, escolas ou aulas noturnas para alfabetização de adultos, trabalhadores livres e escravos¹⁸.

Em 1869, com o patrocínio da Loja “América”, os maçons Luiz Gama e Olímpio da Paixão fundaram uma escola gratuita para crianças e um curso noturno de alfabetização para adultos.

A 04 de abril de 1870, na Loja “América” de São Paulo, dava entrada, assinado por Rui Barbosa um projeto-de-lei que, ao contrário dos seus antecessores, não se limitava à sua Loja, mas era muito mais abrangente, representando uma convocação a todas as Lojas de seu círculo, para que participassem de um esforço coletivo pela libertação dos escravos, doando um quinto da receita total para este fim; e em prol da educação popular, criando e mantendo escolas gratuitas de ensino primário para adultos e crianças de todas as classes sociais e de ambos os sexos.

Este projeto valeu mais como a apresentação de uma ideia, pois a Loja “América” deve ter se limitado a enviá-lo ao “Grande Oriente dos Beneditinos”, de cuja jurisdição a Loja fazia parte. O líder dessa obediência, Joaquim Saldanha Marinho, diante das dificuldades para a consolidação da Obediência e do precário equilíbrio financeiro desta, arquivou o original, que, posteriormente, seria doado à

¹⁷ (ANPUH XIX: SIMPÓSIO REGIONAL DE HISTÓRIA, 2008).

¹⁸ (ANPUH XIX: SIMPÓSIO REGIONAL DE HISTÓRIA, 2008).

Casa Rui Barbosa. O projeto, todavia, foi uma demonstração do espírito que animava a juventude maçônica da época¹⁹.

Em 1º de junho de 1871 temos a criação de uma Biblioteca Popular mantida pela Loja “América”. A Loja criou uma comissão para arrecadar livros. O próprio escritório do Jornal “Correio Paulistano” recebia donativos de livros para a Biblioteca Popular que estava sendo organizada, sendo que todos os “bons cidadãos” deveriam contribuir.

Outras Lojas da província paulista fundaram ou mantinham escolas, como a Loja “Sete de Setembro”, da capital; a “Fraternidade III”, de Rio Claro; a “Perseverança”, de Sorocaba; a “Fidelidade”, de Campinas; a “Fraternidade II”, de Iguape²⁰.

A MAÇONARIA GAÚCHA E A EDUCAÇÃO

Em 1831 foi fundada em Porto Alegre, numa rua central, uma sociedade secreta, que era um ponto de partida e um núcleo fomentador de ideias revolucionárias. Teve início, disfarçada de “Gabinete de Leitura”, a Loja Maçônica “Filantropia e Liberdade”; a seguir foi denominada “Sociedade Literária Continente”, que acabaria criando, em anexo, uma escola de alfabetização de adultos e fundando um jornal: “O Continente”, que sob a direção do Major João Manoel de Lima e Silva, circulou a partir de 1831²¹.

A própria “Epopeia Farrroupilha” começou pelas ideias. Os ideais estavam nos livros que vinham da Europa e dos Estados Unidos da América, livros que falavam

¹⁹ CASTELLANI (1998, p.65).

²⁰ (ANPUH XIX: SIMPÓSIO REGIONAL DE HISTÓRIA, 2008).

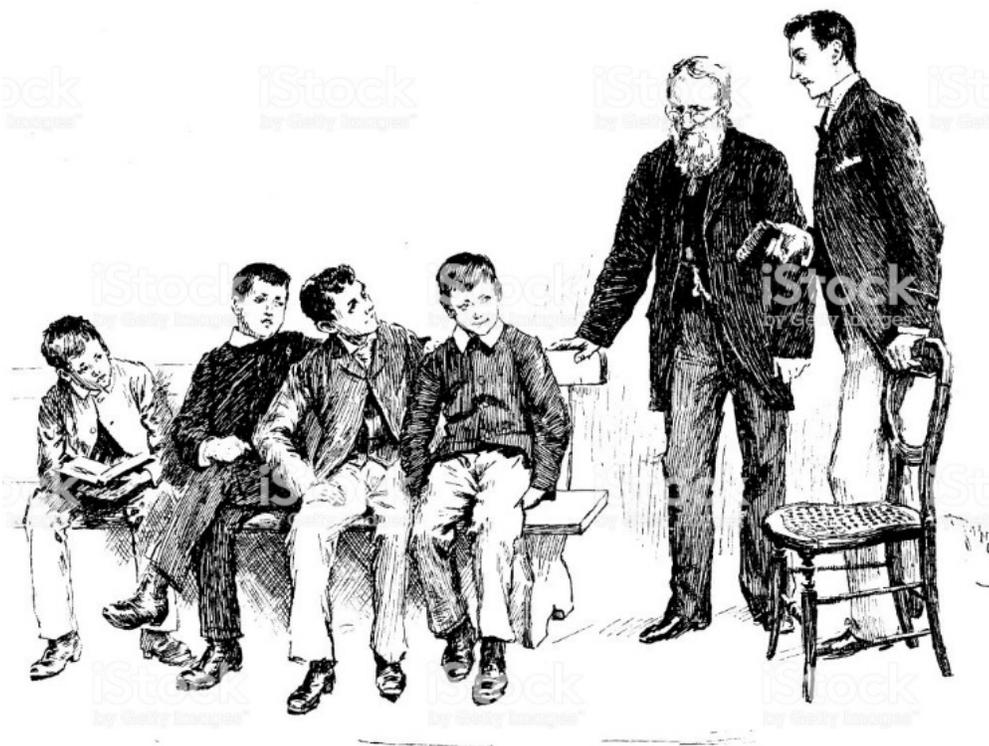
²¹ SILVEIRA (1985, p. 147).

de um mundo possível, democrático, justo, onde todas as pessoas poderiam conviver em paz, com liberdade, igualdade e prosperidade²².

Naquela época, nos idos de 1831, estas obras chegavam a todo o momento. Filhos de estancieiros e comerciantes voltavam dos estudos no exterior, trazendo na bagagem muitos sonhos e muitos livros. Eles reuniam-se em grupos para estudar e discutir as obras. Estavam convictos que para um povo ser totalmente livre ele precisa ser culto e ter acesso irrestrito às informações.

O aperfeiçoamento cultural se dava em três níveis: no primeiro, a alfabetização; no segundo, o contato com as obras clássicas do conhecimento da época; e no terceiro nível estudavam e se aprofundavam nas sete artes liberais e ciências (gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, música e astronomia), todas bem conhecidas entre os maçons da atualidade.

E assim, em julho de 1831, foi fundada a “Sociedade Literária Continente”, onde funcionava o “Gabinete de Leitura” com o mesmo nome.



²² CELENTE (2004, p. 21-22).

Logo, aqueles homens perceberam que tinham um grande problema: tinham os livros e a vontade de evoluir, mas um grande número deles não sabia ler ou escrever. Foi então que colocaram em funcionamento a primeira escola de alfabetização de adultos que se tem notícia no Brasil, patrocinada pelo “Gabinete de Leitura Continente” e apoiada pela Loja Maçônica “Philantropia e Liberdade”.

Nestas célebres noites, se maravilhavam e viajavam com as obras de Camões, sonhavam com a liberdade, igualdade e fraternidade das obras de Voltaire, se informavam do que acontecia no Brasil e pelo mundo com os jornais que chegavam por via marítima. Realmente amavam o conhecimento e buscavam o aprimoramento intelectual de um povo, como mola mestra da sua independência e libertação²³.

O trecho do Hino Farroupilha que afirma que “*povo que não tem virtude, acaba por ser escravo*”, certamente teve origem no fato de que os seus autores acreditavam que a maior virtude é o saber, que o saber liberta e só é livre de fato, o povo que possui educação e cultura.

E ninguém pode negar que quanto a isso, a Maçonaria gaúcha cumpriu dignamente a sua missão e até hoje continua contribuindo diretamente para a educação do povo gaúcho administrando, financiando e incentivando de diversas formas inúmeras escolas, universidades e centros de formação profissional.

O IHGB E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Outro marco na educação brasileira, obra de um grupo de maçons preocupados com a questão da educação no Brasil, foi a criação do “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” (I.H.G.B.), em 1838²⁴.

²³ CELENTE (2004, p. 21-22).

²⁴ SCHWARCS (1998, p.127).

A MAÇONARIA E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Inspirado no modelo precursor do “*Institut Historique*” da França, desde a sua fundação, o I.H.G.B. passou a congregar a elite intelectual e econômica da época tendo como objetivo a formação de um centro de estudos sobre a nação, estimulando a pesquisa histórico-geográfica, científica e literária nacional.

Dentre os seus fundadores, estavam alguns maçons ilustres como Francisco Gê Acayaba de Montezuma – igualmente fundador da O.A.B. (Ordem dos Advogados do Brasil) e Primeiro Grande Comendador Soberano da Maçonaria Brasileira, que em 1832 introduziu, no Brasil, o “Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito”, mediante a autorização do “Supremo Conselho da Bélgica”.

Segundo o cônego Januário da Cunha Barbosa, outro dos seus fundadores e reconhecido expoente da Maçonaria fluminense: “*Era preciso não deixar mais, ao gênio especulador dos estrangeiros, a tarefa de escrever a nossa história*”, de modo que, segundo ele, a partir dali caberia ao I.H.G.B. a tarefa de “*fundação da nacionalidade brasileira*”.

E assim, mais uma vez, senão pela Maçonaria como instituição, mas por intermédio de alguns dos seus integrantes, nascia a controvertida “história oficial” do Império do Brasil, empenhada sempre em esculpir o imaginário nacional com base em vultos e personagens exaltados como heróis nacionais, cujos efeitos até hoje se fazem sentir nos bancos escolares²⁵.

Da mesma forma, foram os maçons Joaquim Nabuco e Machado de Assis, alguns dos intelectuais que fundaram a “Academia Brasileira de Letras” (A.B.L.).

Atualmente, o estudo e as pesquisas no âmbito maçônico evoluíram tanto que deram origem à “Academia Maçônica Brasileira de Letras” (A.M.B.L.), que reúne pesquisadores, historiadores e escritores que escrevem sobre assuntos li-

²⁵ SCHWARCS (1998, p.127).

A MAÇONARIA E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

gados à Maçonaria. Alguns estados, inclusive, já possuem suas próprias “Academias Maçônicas Estaduais de Letras”, através das quais novos e talentosos escritores estão sendo revelados.

Não obstante, nos últimos anos tem se tornado crescente o número de “Lojas de Pesquisas Maçônicas”, criadas por maçons para auxiliá-los em seus estudos e pesquisas sobre tudo o que diz respeito à Ordem.

E em paralelo, também vem surgindo e se solidificando uma imprensa – tanto física sob a forma de jornais, revistas e boletins impressos; quanto de conteúdo digital – que leva a cultura maçônica e as últimas notícias do mundo maçônico para todos os membros da fraternidade e que, muitas vezes também serve como canal de comunicação com o mundo profano, alcançando até mesmo os Irmãos das Lojas mais distantes e interioranas, servindo como uma espécie elo de união e de ligação entre os milhões de maçons espalhados pelos quatro cantos do Globo Terrestre.

Desvende mais sobre a “**Maçônica História do Brasil**” nos nossos próximos trabalhos...



Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

BIBLIOGRAFIA

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras: a Ação da Maçonaria Brasileira (1870 – 1910)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem: Teatro de Sombras**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2006.

CASTELLANI, José. **Os Maçons e a Abolição da Escravatura**. Londrina, PR: A Trolha, 1998.

CASTRO, Celso. **Os Militares e a República – Um Estudo Sobre Cultura e Ação Política**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1995.

CELENTE, Antônio César. **Epopeia Farroupilha e a Maçonaria Riograndense**. Porto Alegre, RS: Casa do Pensamento Livre, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. 2 volumes. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio Editora, 1974.

GOMES, Laurentino. **1822: Como Um Homem Sábio, Uma Princesa Triste e um Escocês Louco por Dinheiro Ajudaram D. Pedro a Criar o Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Nova Fronteira, 2010.

GONÇALVES, Thiago Werneck. **Periodismo Maçônico e Cultura Política na Corte Imperial Brasileira (1871-1874)**. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense/Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2012.

PONTES, Márcio Antonio Silva. **O Contributo da Maçonaria Para a Abolição da Escravatura**. Rio de Janeiro, RJ: PUC, 2010

SCHWARCZ, Lília Moritz. **As Barbas do Imperador**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Tiago César da; Vanessa Faria e Silva. **O Outro Lado da Abolição: O Envolvimento dos Maçons e dos Negros no Processo de Emancipação do Trabalho Escravo**. Site Oficial Casa Rui Barbosa. Canal Eletrônico. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/tiago.pdf>>. Acessado em 25/01/2016

A MAÇONARIA E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

SILVA, Ricardo Souza da. ***Mato Grosso do Sul: Povoamento, Memória e História.*** In: ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina, PR: ANPUH, 2005.

SILVEIRA, José Luiz. ***Revelações Históricas da Maçonaria.*** Porto Alegre, RS: Ed. Ind., 1985.